

Igreja Católica deixa de perder fiéis, diz FGV

03/05/2007 às 10h10m

O Globo; Agência Brasil; TV Globo; O Globo Online

RIO - Pela primeira vez, em mais de um século, a proporção de católicos parou de cair e se manteve estável entre os anos de 2000 e 2003, passando de 73,89% para 73,79%. O número de evangélicos continua crescendo (de 16,2% para 17,9%) e o das pessoas que não têm qualquer religião sofreu queda de 7,4% para 5,1%. Os dados constam de pesquisa "A economia das religiões - mudanças recentes", divulgada nesta quarta-feira pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Um registro de 1872 revela que os católicos representavam 99,72% dos brasileiros. O percentual foi caindo com o tempo. A queda se acelerou na década passada: de 83% para 73%.

Analistas apontam duas fortes razões para a estabilização do número de católicos no Brasil. A primeira é a renovação da Igreja, que se aproximou mais dos fiéis e a segunda é a grande comoção provocada pela morte do Papa João Paulo II.

Para o pesquisador Marcelo Nery, responsável pelo estudo, a chamada "reação católica" pode estar relacionada à melhoria na distribuição de renda entre as camadas mais pobres da população (classe E), que ao lado da elite econômica (classe A) é a mais representativa da religião católica.

- Os fatores por trás disso são, de um lado, uma recuperação econômica nos grupos de renda mais baixa, em particular os pobres do Nordeste, que passaram a ter acesso a programas sociais, a ter mais trabalho, isso é um fator importante - explica Marcelo Néri, pesquisador da FGV.

Segundo Nery, a transferência de renda proporcionada por programas de assistência, como o Bolsa Família, contribuiu para que os mais pobres deixassem de abandonar o catolicismo.

Quando as condições econômicas são favoráveis, as pessoas deixam de procurar novas religiões

- Quando as condições econômicas são favoráveis, as pessoas deixam de procurar novas religiões - explicou Nery. Pentecostais cresceram mais na periferia

O estudo também revela que com a crise metropolitana nas últimas décadas, o inchaço das grandes cidades, o aumento da violência e a piora do acesso aos serviços públicos, as igrejas evangélicas pentecostais (Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus etc.) e os sem religião tiveram um crescimento mais expressivo nas periferias. Nery acredita que com o surgimento dessa "nova pobreza", as pessoas seguem em geral dois caminhos:

- Ou se apegam a religiões de práticas mais intensas, como as pentecostais, ou perdem a esperança e viram sem religião - disse.

Segundo o pesquisador, o crescimento das igrejas pentecostais nessas áreas também pode ser entendido como uma forma de ocupar uma lacuna deixada pelo Estado, com desemprego, favelização, precariedade de acesso aos serviços públicos.

Em termos econômicos, a pesquisa mostra que a renda familiar per capita dos fiéis das igrejas pentecostais é 30% menor do que a dos católicos. Enquanto uma família católica tem renda média de R\$ 2.023, o valor cai para R\$ 1.496 quando a família é de pentecostais.

Os evangélicos pentecostais pagam mais dízimos: 44% de tudo que é repassado às igrejas no país. E os católicos pagam menos (30,9%), mesmo sendo maioria: são 129,7 milhões. Os evangélicos aparecem em segundo, com 31,4 milhões e continuaram crescendo nos três primeiros anos desta década.

Ainda conforme aponta a pesquisa da FGV, as mulheres são mais religiosas do que os homens. De um total de 50 religiões observadas, a predominância feminina foi verificada em 43 delas. Elas são, no entanto, menos católicas do que os homens (76,16% contra 79,49%). Muitas mudaram de religião:

- Quando você começa a estudar o budismo, começa a prestar mais atenção ao seu interior. Nas coisas que você pensa, nas coisas que você fala - diz a artista plástica Vivian Scortegagna.

Marcelo Nery explicou que, com a revolução feminina e a entrada no mercado de trabalho, as mulheres passaram a ter novas necessidades que não foram correspondidas pela Igreja Católica, como o uso de métodos contraceptivos e a possibilidade do divórcio.

A pesquisa também revelou que a Igreja Católica parou de perder fiéis no Brasil. Na década de 90, o número diminuía 1% a cada ano, mas a partir de 2000 não houve mais queda. Ainda assim, o número de evangélicos continua crescendo. O estudo aponta que uma das explicações é o número de pastores: quase quatro vezes maior que o de padres.

Além de usar dados do IBGE, a FGV saiu a campo em 2003 para entrevistar mais de 200 mil brasileiros sobre religiosidade e economia.

Papa encontrará no Brasil uma nova geração do clero

O perfil dos sacerdotes também passa por mutação . Os padres estão cada vez mais jovens, mais paroquiais e menos teóricos. Esta é a constatação de outra pesquisa divulgada nesta quarta-feiraNo Brasil de hoje, 43,8% deles têm até 45 anos. Nos últimos cinco anos, a idade média baixou de 52 para 48 anos.

É essa nova geração de padres que o Papa Bento XVI terá de animar para replicar a doutrina da igreja.

O aumento de jovens não significa que a adesão ao presbitério aumentou. Os padres não passam de 18 mil. O Brasil forma cerca de 400 padres por ano nos seminários, que poderão adotar uma fase de estágio.

<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/05/02/295592200.asp>